Centro de Estudos Baianos

Waldir Freitas Oliveira

O TICO-TICO:

UMA REVISTA INFANTIL BRASILEIRA

PUBLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

136

Waldir Freitas Oliveira

O TICO-TICO:

UMA REVISTA INFANTIL BRASILEIRA

Universidade Federal da Bahia
Centro de Estudos Baianos
1989

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus - Térreo - Distrito da Sé - Salvador - Bahia - 40.000

Professor JOSÉ ROGERIO DA COSTA VARGENS
Reitor da Universidade Federal da Bahia

Professor FERNANDO DA ROCHA PERES
Diretor do Centro de Estudos Baianos da UFBA.

VITAE
Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social

OLIVEIRA, Waldir Freitas.
O Tico-Tico: uma revista infantil brasileira / Waldir Freitas Oliveira. — Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1989.
p. 32; 22 cm. — (Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, Publicação ; 136)

1. O Tico-Tico. 2. Literatura infanto-juvenil brasileira — História e crítica. 1. Título. II. Série.

CDU - 087.5 (81)

(Centro de Estudos Baianos da UFBA)

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO 05

O NASCIMENTO D'"O TICO-TICO"..... 06

"O TICO-TICO" EM 1914 11

DEZENOVE ANOS DEPOIS (1933/1934)..... 17

OS "ALMANAQUES DO TICO-TICO"..... 21

NOTAS 27

"O TICO-TICO"
UMA REVISTA INFANTIL BRASILEIRA

Waldir Freitas Oliveira

INTRODUÇÃO

Sempre desejei escrever sobre "O Tico-Tico". Talvez por havê-lo tido por fiel companheiro, por muito tempo, a cada fim de semana, desde que aprendi a ler, aos quatro anos, até os dez, quando já cursando o primeiro ginasial, passei a preferir outras leituras.

Fôra, também, "O Tico-Tico" a revista preferida, quando criança e adolescente, de uma das minhas tias paternas, exatamente aquela que me ensinou a ler e escrever. Os exemplares de "O Tico-Tico" analisados neste trabalho e referentes ao ano de 1914, lhe pertenceram.

Foi ela, contudo, quem deu fim à minha coleção, guardada com cuidado até os dias confusos da nossa mudança da casa onde vivi minha infância e morreu meu avô, para a dos meus pais, na parte de baixo de um grande armário que ia ser leiloado. Lembro-me de haver ajudado a minha tia a queimá-la, no fundo do quintal, contrariado, no entanto, obediente, **bem educado** digamos, conforme os padrões de valores da época.

Consegui, porém, conservar comigo os livros da "Biblioteca Infantil do Tico-Tico" bem como os "Almanaques" que me eram dados de presente a cada Natal. Eles formaram, juntamente com os referidos exemplares do ano de 1914, o material sobre o qual trabalhei para a redação deste ensaio, com mais lacunas que espaços preenchidos, uma vez que as únicas bibliotecas e arquivos capazes de revelarem a história integral da revista estão localizados no Rio de Janeiro e em São Paulo, fora, pois, do meu alcance imediato.

Pergunto-me, então, por que, mesmo assim, decidi escrevê-lo; e respondo haver sido por uma necessidade íntima incontrolável — algo, não sei bem o quê, me impeliu a tanto, a despeito de saber das limitações a que estaria sujeito, dada a exiguidade do material de que dispunha e que me iria impedir de apresentar, como desejaria, conclusões consistentes sobre o tema tratado.

Fiz, no entanto, o que tive vontade de fazer. Sem esperar, portanto, a benevolência dos leitores, consciente do erro da minha teimosia; sem deles merecer, contudo, a crítica que aniquila, como castigo por minha impertinência. É que se não o redigisse agora, se aguardasse para fazê-lo, o instante que não sei se chegaria, o que surgiria após haver consultado todas as fontes existentes sobre "O Tico-Tico" fora da Bahia, é provável que não o inicias-

se. Somente, porém, tomei a decisão final de começar, de qualquer jeito, a escrevê-lo, quando após consultar as bibliografias já organizadas em nosso país sobre literatura infantil, verifiquei delas não constar referências a "O Tico-Tico" nem aos livros que integraram a "Biblioteca Infantil do Tico-Tico". Julguei, então, que se escrevesse algo, por pouco que fosse, sobre a revista e esses livros, poderia estar prestando algum serviço à comunidade intelectual interessada pelo assunto.

Deixo claro, contudo, que ao fazê-lo, tentei enxergar "O Tico-Tico" não como um periódico infantil **in abstracto**, mas enxergá-lo como um corpo concreto, necessariamente complexo, levando na devida conta todos os seus componentes e, de modo especial, seus desenhistas, pois como teve a oportunidade de dizer Ruben Gill, em depoimento registrado por Herman Lima em sua *História da Caricatura no Brasil*, "conquanto haja tido como seu co-fundador um grande pedagogo, o professor Manuel Bonfim, "O Tico-Tico" é (**foi, no caso**) uma fundação de caricaturistas[1].

Esses os esclarecimentos que desejo prestar aos que se dispuserem a ler o que se segue. Pesquisas a serem realizadas, não sei quando, na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, consultas a serem feitas a arquivos porventura ainda existentes naquela cidade, referentes à antiga organização "O Malho"[2], bem como a leitura dos artigos publicados em vários órgãos de imprensa do sul do país, em 1955, quando da comemoração dos 50 anos da revista, deverão, por certo, abrir-me perspectivas para uma melhor avaliação do seu papel na história da evolução da sociedade brasileira, confirmando ou não a hipótese que levanto — a de haver sido "O Tico-Tico" um instrumento de grande poder de penetração e enorme influência no decurso do processo de formação de hábitos e indução de idéias no seio das comunidades alfabetizadas urbanas do país, na primeira metade deste século, inteligentemente utilizado por uma minoria de intelectuais integrantes da classe média da população da então capital do país, agindo, coerentemente, em defesa de princípios nos quais acreditavam.

Quero, finalmente, insistir sobre o fato de dever ser este trabalho considerado de caráter preliminar, sem existir, da minha parte, qualquer pretensão de apresentar qualquer tipo de conclusão definitiva; podendo,talvez, ser enquadrado no âmbito de um ramo novo da História — a **História das mentalidades**, pouco explorado ainda no Brasil. De qualquer modo, ele representa somente uma tentativa no rumo de algo maior, ainda a vir. Nada mais que isto.

O NASCIMENTO D"O TICO-TICO"

Em 1905, no dia 11 de outubro, circulou no Rio de Janeiro o primeiro número da revista infantil mais famosa da História do nosso país — "O Tico-Tico".

Manuel José Bonfim[3], educador de amplo conceito, nascido em Sergipe e radicado na então capital da República, onde havia fundado e dirigido a revista "Pedagogium", de curta existência, pois dela apenas circularam 5 números, todos no ano de 1897, voltara, em 1905, da França, vivamente impressionado com um semanário infantil que lá encontrara — "La Semanine de Suzette" e, talvez, com uma outra publicação ali também existente, igualmente destinada a crianças e fartamente ilustrada — "Les Aventures de Bécassine".

Regressara, naquele ano, ao Brasil, com a disposição de aqui criar um periódico destinado à infância brasileira, havendo conversado a esse respeito com o desenhista Renato de Castro que, desde agosto, começara a publicar uma página dedicada à petizada em "O Malho", a revista mais lida, àquele tempo, no país; tendo chegado, na mesma ocasião, a sugerir o nome que lhe seria dado — "O Tico-Tico", pelo fato de assim serem chamadas, na época, as escolas infantis.

Era preciso, contudo, convencer Luís Bartolomeu de Souza e Silva, proprietário e diretor de "O Malho", da viabilidade do projeto; desde que sem o seu apoio não chegaria a ser o mesmo realizado. Sem acreditar, porém, no êxito de uma revista semanal destinada, de modo exclusivo, a crianças, hesitava o empresário em patrocinã-la; em vista do que, passou Renato de Castro, entusiasta, desde o primeiro instante, da idéia do lançamento do semanário, de um inteligente estratagema para convencê-lo — começou a suprimir, vez por outra, a página que organizava para as crianças em "O Malho"; e como, a cada ocasião em que tal acontecia, eram muitas as reclamações do público, chegando a ocorrer, nesses momentos, diminuição na vendagem da edição, acabou Luís Bartolomeu de Souza e Silva por considerar aceitável o projeto de "O Tico-Tico".

Dada, no entanto, sua responsabilidade como editor, desde que "O Malho" era um dos periódicos de melhor apresentação gráfica do país, passou a tratar, com enorme carinho, da revista a ser lançada. Encomendou, desse modo, a Ângelo Agostini, já famoso como desenhista e caricaturista, a composição do título do novo semanário,no qual criancinhas nuas e rechonchudas, como se fossem anjos barrocos sem asas, se misturavam às letras graúdas, em vermelho e preto, que o compunham, enquanto um pássaro — um tico-tico, aparecia pousado sobre o traço de união ligando as palavras iguais do nome. Além disso, procurou reunir uma valorosa equipe de desenhistas, desde que "O Tico-Tico" deveria ser profusamente ilustrado e apresentar, a cada número, estórias em quadrinhos sustentadas pelos textos curtos e concisos que iriam acompanhar os desenhos que as constituíssem.

Entre os desenhistas fundadores da revista figuraram, entre outros, Renato de Castro, firme batalhador pelo seu surgimento, Carlos Lenoir, mais conhecido como **Gil**, Leônidas Freire — o **Leo**, responsável pela série — "História do Brasil em Figuras", Ângelo Agostini, assinando com o pseudônimo **IO**, várias estórias, no curso do primeiro ano de circulação da revista, tais como "História do Macaco e de Chico caçador" e "Meninos moleques", respectivamente, nas edições de 6 de dezembro de 1905 e 11 de julho de 1906, José Carlos de Brito e Cunha — o **J.Carlos**, Luís Gomes Loureiro, este copiando do "New York Herald", as estórias do garoto **Buster Brown** e do seu cachorro **Tige**, personagens criados pelo caricaturista norte-americano Richard Felton Outcault[4], que se transformaram, no Brasil, em **Chiquinho** e **Jagunço** e ganharam, mais tarde, novos companheiros de travessuras, com a criação de **Benjamim**, tipo inspirado num "pretinho empregado em minha casa", conforme declararia, anos depois, o próprio Loureiro[5], seu criador, e **Lili**, a sempre bem comportada prima de Chiquinho.

Ao lado deles figuraria, ainda, Augusto Rocha, um dos mais imaginativos desenhistas brasileiros, o melhor desenhador de animais que já teve o periodismo ilustrado do Brasil e, principalmente, o criador das estórias de **Max Müller**, um descendente de colonos alemães radicados no Brasil, suficientemente rico para envolver-se em grandes aventuras e longas viagens, tanto sobre o território nacional como no estrangeiro, e de um outro personagem, nascido a partir da edição de 9 de setembro de 1914, mais identificado com a realidade brasileira da época, sempre metido em grandes enrascadas, das quais nem sempre se saía bem — o **João Garnizé**; e mais, Alfredo Storni, o criador dos mais famosos personagens de "O Tico-Tico" — **Zé Macaco** e **Faustina**; Cícero Valadares, que chegara à revista vindo da "Bahia Ilustrada", editada no Rio de Janeiro e dirigida, na segunda fase da sua existência, por seu irmão Anatólio Valadares; e a partir de 1910, Max Yantok, o autor das estórias de **Kaximbown** e **Pipoca**, que regressara, em 1903, da Europa, para onde seguira, em 1887, aos seis anos de idade, com os pais, que voltavam, após longos anos no Brasil, para a Itália, de onde eram originários; tendo sido, aliás, em jornais editados em Nápoles e Roma que Yantok, nascido no Rio Grande do Sul, iniciaria sua carreira de desenhista[6]. Devendo ressaltar-se, quanto a Cícero Valadares, mais conhecido como **Dudu**, ser também irmão de Antônio do Prado Valadares, professor catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia, na qual se destacou como um dos seus mais vigorosos talentos, sempre demonstrando possuir uma extraordinária erudição e invulgar capacidade de orador, tanto no exercício da cátedra como na tribuna política, havendo se consagrado, ao seu tempo, como um polemista mordaz e altivo,

Anno IX Rio de Janeiro, Quarta-feira, 26 de Agosto de 1914 N. 464

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

ZÉ MACACO

1] A conflagação europea não podia deixar indifferente a familia *Zé Macaco*. Principalmente a *Faustina*, que é ingleza e que fazia um berreiro infernal.

2] Tão enthusiasmada ficou com a guerra, que resolveu alistar-se no exercito inglez.

3] Effectivamente, arranjou um uniforme todo especial e, apezar da choradeira geral dos membros queridos de sua familia, sahiu porta fóra, marcando o passo.

(*Continúa*)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO OUVIDOR 164 — RIO DE JANEIRO

de recursos inigualáveis. Não foi, contudo, Cícero Valadares, um desenhista do porte ou da inspiração de um J.Carlos ou um Alfredo Storni e, talvez por isto, raras vezes tenham lhe dado os editores de "O Tico-Tico" a oportunidade de criar seus próprios tipos ou redigir estórias; havendo, durante o tempo em que permaneceu na revista, sido sempre encarregado de ilustrar textos traduzidos de revistas estrangeiras ou escritos por outros autores e copiar estórias ilustradas de outras publicações.

Quanto a J.Carlos, devemos nele reconhecer a maior expressão da caricatura brasileira na primeira metade deste século. Não iremos, contudo, recordá-lo em razão dos desenhos que publicou, nas suas duas primeiras décadas, em "O Malho" ou "Fon-Fon", ou em "Careta", entre os anos de 1935 e 1950. A ele queremos referir-nos como uma das peças fundamentais de "O Tico-Tico", revista na qual apareceu não apenas como ilustrador de traços apurados mas também como autor de numerosas estórias publicadas tanto em "O Tico-Tico" como em seus "Almanaques"; e ainda autor e ilustrador de um dos mais belos livros de literatura infantil já publicados no Brasil, incompreensivelmente esquecido pelos especialistas no estudo de tal tipo de literatura — *Minha Babá*, incluído na "Biblioteca Infantil do Tico-Tico".

"O TICO-TICO" EM 1914

O afortunado encontro, em quase perfeito estado de conservação, de 28 exemplares de "O Tico-Tico" referentes ao período de 1º de julho a 30 de dezembro de 1914, numerados de 455 a 482, deu-me a oportunidade de visualizar a revista, àquele tempo.

Possuía, então, as seguintes secções permanentes: "As lições de Vovô", "Correspondência do Dr.Sabetudo", "Gaiola do Tico-Tico", esta acusando o recebimento de colaborações enviadas para publicação pelos seus leitores, espalhados por todo o Brasil e existentes até em Portugal; e mais, "Sports do Tico-Tico", dando destaque ao futebol e às corridas de cavalos, "Os nossos concursos", sempre com grande número de concorrentes e premiados, "Secção para meninas", evidenciando a atenção especial que mereciam as mesmas no que se referisse à educação, "Vida Social Infantil", com amplo noticiário acerca de nascimentos, batizados e aniversários (numa época em que ainda não se tornara costume, em nosso país, o colunismo social), acompanhadas tais notícias por grande quantidade de retratos de crianças e adolescentes, assinantes da revista, demonstrando tal quantidade um empenho muito forte por parte das famílias dos leitores, de terem fotografias dos filhos ou parentes publicadas em "O Tico-Tico"; e, finalmente, um "Romance de aventuras", em forma de folhetim, diagramado em formato de meia página e impresso em sentido horizontal em relação ao plano vertical de impressão da revista.

Alternavam-se, ainda, de edição em edição, outras secções, como "Raças Humanas", "Histórias e Legendas", "Viagens e Aventuras", "Animais Curiosos", "Histórias de Bichos", "Brinquedos para os dias de chuva", "Sr. X e sua página", traduzidas de revistas estrangeiras, das quais provinham, também, as ilustrações que as acompanhavam; integrando-se, ainda, a "O Tico-Tico", estórias ilustradas a cores, denominadas "romances históricos",originárias,igualmente, do estrangeiro, dos quais, naquele ano de 1914, estavam a findar-se os capítulos de "As aventuras do Conde de Chavagnac" e a iniciar-se os de "A rainha dos corsários", ambos de autoria de Georges Omry.

Eram, contudo, as estórias criadas e desenhadas no Brasil que asseguravam o êxito da revista, que circulou, na sua primeira edição, a 11 de outubro de 1905,com 10.000 exemplares, e já na quarta-feira seguinte, tão grande fôra a aceitação do primeiro número, com 25.000; entre essas estórias, as de *Zé Macaco* e *Faustina*, as de *João Garnizé*, as de *Max Müller*, as de *Kaximbown* e *Pipoca*, bem como as das travessuras "abrasileiradas" de *Chiquinho e Jagunço*, sendo, talvez, as preferidas.

Através da leitura dos exemplares encontrados, podemos conhecer muita cousa sobre aquele tempo. Da secção "Correspondência do Dr. Sabetudo" extraímos exemplos relativos a modos de pensar típicos da época, expressos através das respostas dadas a leitores consulentes. Assim, a uma das suas leitoras respondeu, certa feita, o Dr. Sabetudo: "Não acho muito bonito mas não posso dizer que seja inconveniente uma moça aprender a guiar automóvel"; e acrescentou: - "Não acho bonito porque é serviço muito brutal para uma moça"[7]. Em outra ocasião, disse ele: - "Não vejo mal em que uma moça toque violino em concertos, desde que essas festas musicais se realizem em casas de famílias distintas ou mesmo em clubes familiares, perfeitamente respeitáveis"[8]. De uma outra vez, não relutou em afirmar que os livros de Júlio Dantas e Eça de Queiroz não eram próprios para uma moça; e referindo-se aos romances de José de Alencar, que deles somente julgava apropriados "para moças", *O Guarani*, *As Minas de Prata* e *A Pata da Gazela*[9]. Em um outro momento, fez a seguinte afirmativa: - "Para que um rapaz pense em casar é preciso, primeiramente, que seja independente — isso é, capaz de ganhar a vida por si mesmo, com seu trabalho, sem depender de auxílio alheio,mesmo que seja da sua família; em segundo lugar, é preciso que conte com recursos suficientes, não só para si mesmo, como para sustentar família; em terceiro lugar, é preciso estar bem certo de que tem verdadeira amizade à moça com quem pretende casar e conhecê-la bastante para ter a certeza de que viverão juntos em boa harmonia"[10]. Indagado, uma outra vez, sobre a propriedade de dançar-se o tango, responderia, intransigente: - "Acho-o indecentíssimo, impróprio para os

salões e até para a cozinha"[11]; e em certa ocasião declarou-se, veementemente, cristão: - "Sou cada vez mais e muito sinceramente cristão. Não conheço filosofia nem programa de vida, nem regras de moral que se comparem às que estão nas palavras de Cristo"[12].

Era, assim,"O Tico-Tico", uma escola de moral; e, o mais importante, de uma moral cristã, burguesa, ajustada à mentalidade de uma classe média que começara a crescer e fortalecer-se nas principais cidades brasileiras,desde os fins do século XIX. Por essa razão tinha entrada franca nos lares, sendo bem recebido pelas famílias que o consideravam um valioso auxiliar para a formação e educação dos seus filhos; e, sem dúvida, era bem aceito por aqueles aos quais se destinava (sem outras opções de leitura, dada a inexistência de revistas similares), pelo que lhes oferecia — estórias leves e divertidas, incentivadoras da prática de boas ações, ajustadas aos ideais de conduta que lhes eram propostos e recomendados na escola, pelos professores, na família, pelos pais, tios e avós, na Igreja, pelos padres, freiras e catequistas.

Com base em anúncios publicados nos referidos exemplares, podemos também saber algo acerca da literatura infantil existente na época. Somos, desse modo, informados de que a Livraria Quaresma, de propriedade de Pedro da Silva Quaresma, localizada na Rua São José, no Rio de Janeiro, publicara, naquele ano, editado em Paris, o livro *Histórias do Arco da Velha*, contendo, conforme o anunciado, "esplêndida coleção dos mais célebres contos populares, morais e proveitosos de vários países, alguns traduzidos dos Irmãos Grimm, Perrault, Andersen, Madame d'Aulnoy, etc.,outros recolhidos diretamente da tradição oral por Viriato Padilha". Entre essas "histórias", figuravam a de "Ali-Babá e os 40 ladrões", a do "Pequeno Polegar", a de "Pele de Asno" e outras integrantes do enorme acervo dos chamados "contos de fada". Anunciava, ainda, a mesma livraria, a publicação, já em 18ª edição, dos *Contos da Carochinha*, como a de livros como *Histórias da Baratinha* e *Histórias da Avozinha*, todos no mesmo estilo.

Interessante será também assinalar a presença de anúncios, pela mesma livraria, de livros de "histórias populares", por certo não destinados ao público infantil; mas, ao que parece, de grande aceitação, àquele tempo; entre eles achando-se incluídos o da "História da Branca Flor",mencionado como "obra completa na qual se conta de um rei que sendo muito jogador, jogando um dia com o seu criado, tudo perdeu, até a própria coroa, e de como apareceram duas pombas que carregaram a dita coroa, levando-a aos Reinos da Chuva, dos Ventos e do Sol; os trabalhos por que passou Branca Flor para livrar o criado das perseguições do Rei, seu pai; o casamento de Branca Flor com o criado, etc., etc."; e ainda, o da "História da Princeza

Mangalona", o da "História da Donzela Teodora", em que se trata da sua grande formosura e sabedoria, e da discussão que a mesma donzela teve com os três sábios e os venceu a todos"; o da "Historia de João de Callais", o da "História do Grande Roberto do Diabo", o da "História interessante de Pele de Asno" ou "A vida do Príncipe Cirilo", o da "História da Imperatriz Porcina", na qual se diz como o imperador mandou matar a sua mulher, por um falso testemunho que lhe levantou o irmão do dito Imperador e como escapou da morte e dos muitos trabalhos e torturas por que passou e como por sua bondade e muita honestidade tornou a cobrar seu estado com mais honra que deprimento"; e ainda, o da "História de João Soldado" ou "Vida, aventuras e peripécias alegres, burlescas e patuscas de um soldado que depois de servir 24 anos sem ganhar dinheiro, acabou metendo o Diabo no bornal"[13].

Finalmente, devemos assinalar a posição assumida pela revista face à eclosão da Primeira Grande Guerra. Demonstraria, nessa ocasião, o "Vovô do Tico-Tico", simpatia pela causa dos aliados, chegando a louvar o patriotismo e a bravura com que se batiam os belgas contra os alemães ou a enaltecer os sérvios pelo anseio pela independência do seu país[14]. No entanto, ao tentar explicar aos seus leitores a razão do conflito, publicaria "O Tico-Tico", artigo no qual se afirmava que ele ocorrera porque a Inglaterra via na Alemanha "um concorrente formidável para seu comércio e suas indústrias"; mais ainda, que a Alemanha se organizara nos 40 anos que antecederam a guerra de tal modo, que agora aparecia como "uma organização social similar e militar verdadeiramente assombrosa e tão forte que para lhe fazer frente era preciso que vários países dos mais poderosos se ligassem contra ela"; e que tal se dera, "pelo espírito de disciplina, pela ordem, pelo método d'essa nação, sujeita a uma só movimentação, sempre a mesma, pertinaz e incansável, guiada por um só pensamento, o do Kaiser". Concluía declarando, em tom de advertência, que "uma nação como a nossa, que está ainda em organização e dispõe de tantos recursos, devia pensar muito no exemplo da Alemanha e compreender que sem ordem, sem disciplina, sem muito trabalho e organização regular, não pode haver progresso"[15]. Não parece, contudo, que essa opinião refletisse o pensamento de todos os que participavam da redação da revista, desde que tanto Alfredo Storni, como Augusto Rocha ou Yantok não hesitaram, por esse mesmo tempo, em ridicularizar a figura do Kaiser, nas estórias que desenhavam.

Pouco depois, tentanto estabelecer a relação entre a guerra e os interesses econômicos dos países nela envolvidos, iria explicar o "Vovô do Tico-Tico" o que fazia a riqueza. Começando por afirmar que "ser rico é ter mais do que se precisa para viver"; e contando, a seguir, uma longa história que, apesar do seu tamanho, vale transcrever, a fim de que se tenha noção precisa de como "pensava" "O Tico-Tico" e de que maneira chegou a influir na formação da mentalidade da maior parte dos seus leitores. Eila: "Imaginemos quatro homens, quatro operários. Cada um deles precisa de cinco mil réis para viver. O primeiro é analfabeto — isso é: não sabe ler nem escrever — por isso não pode aprender um ofício dos mais bem pagos, faz-se engraxate e nesse trabalho apenas consegue ganhar três a quatro mil réis por dia. Ora, como para viver ele precisaria de cinco mil réis diários, que acontece? Ele é forçado a reduzir suas despesas, a privar-se de várias cousas, mesmo das cousas indispensáveis, como casa, comida e roupa, é forçado a só chegar a comprar o que encontra de mais ordinário e barato. Mora em uma casa muito pequena, come mal, anda com a mesma roupa um ano inteiro, só compra botinas de seis em seis meses, etc. Esse é o tipo do homem pobre, por falta de recursos naturais.

Imaginemos que o segundo operário sabe ler e escrever, é inteligente, ativo, mas muito doente. Por isso, embora possa obter bons empregos, passa miséria, porque não pode trabalhar assiduamente. Este é um segundo caso de pobreza, por falta de recursos naturais. A esse homem falta saúde.

O terceiro operário é forte, ativo, inteligente. Sabendo ler e escrever aprende um bom ofício e ganha cento e cinqüenta mil réis por mês. Poderia viver tranqüilo, porque ganha com o seu trabalho o dinheiro necessário para todas as despesas. Mas é um homem empreendedor e cheio de nobre ambição. Aproveita as horas vagas para aprender outras cousas; estuda francês, aritmética, geografia, aperfeiçoa-se no estudo da nossa língua, para escrever e falar corretamente. Além disso, na oficina em que trabalha não se contenta em fazer o serviço que lhe cabe; procura tornar-se útil em tudo; substitui um companheiro que adoece; organiza seu próprio serviço com tal inteligência e boa vontade que produz maior soma de trabalho. Um belo dia, o dono da oficina, reconhecendo o seu valor, aumenta-lhe o ordenado para duzentos mil réis.

Desse dia em diante já o operário tem a quantia necessária para as suas despesas e mais 50$000. Com ele, depois de pagas todas as suas despesas indpensáveis, pode melhorar o conforto de sua casa, comprando móveis melhores, cortinas, tapetes — enfim, cousas sem as quais pode-se viver, mas que dão um aspecto melhor à nossa casa. E continua a trabalhar ativamente. Um dia fica vago o lugar de contramestre da oficina. O proprietário, em vez de mandar vir um contramestre de fora, chama aquele operário do qual já notou a inteligência, boa vontade e zelo no serviço — e nomeia-o contramestre com o ordenado de 300$000.

Vejam a situação desse operário. Com 150$000

ele vivia; passou a ganhar 200$000 e poude viver melhor; agora ganha mais 100$000; melhora ainda mais sua vida e ainda pode guardar no fim de cada mês, 60$000.

Ao fim de alguns anos esse dinheiro acumulado, cada mês, dá para que ele compre uma casa para morar. Então já o dinheiro com que ele pagava uma casa alugada, pode também ser guardado todos os meses. E aí está o melhor, o mais seguro, o nobre processo de enriquecer. Um homem fica rico porque produz com o seu trabalho quantia maior do que precisa para viver. Esse é o verdadeiro rico.

Mas imaginemos que o quarto operário é também instruído, robusto, inteligente... tem todos os recursos para enriquecer. Todos, menos um. Falta-lhe a vontade de trabalhar. Ele é indolente, preguiçoso. Em vez de se esforçar como o outro, faz apenas o que é sua obrigação e passa as horas vagas passeiando ou deitado, sem procurar aprender outras cousas nem aumentar a produção do seu trabalho. Resultado. Fica toda a vida ganhando cento e cinqüenta mil réis. E se um dia adoece, não pode trabalhar, fica na miséria"[16].

Perguntemos, então. Haverá, alguma vez, sido escrito maior elogio ao esforço pessoal, mais eloqüente exaltação ao valor do indivíduo, dentro de uma concepção essencialmente burguesa, que essa página de "O Tico-Tico"?

Em uma outra ocasião, diria, ainda, o "Vovô do Tico-Tico": - "Infelizmente vivemos sobre um solo que é o mais rico do mundo e só temos a preocupação de estudar para ser doutor, cuidar de política ou ser empregado público, apesar do exemplo dos argentinos, que com a agricultura e a criação enriquecem e fazem a fortuna do seu país";e acrescentaria - "Porque é preciso não esquecer o ponto fundamental dessa questão — é que cada indivíduo enriquecendo, presta um serviço à pátria, pois que aumenta a riqueza de todo o país"[17]; e ao final do ano de 1914, falando do Ano Novo que se aproximava, diria, fiel aos mesmos princípios — "Um homem ou uma moça valem principalmente pelo saber. A própria riqueza pode desaparecer, deixando aquele que a possuía desamparado e sem recursos. O que se conserva sempre como elemento precioso para viver e conquistar bem estar, é o que se sabe. Isso não há crise, não há autoridade que nos possa tirar"[18].

O elogio ao empenho de quem, desejando enriquecer se dispõe a estudar, adquirir maiores conhecimentos, demonstrar fidelidade ao patrão, não só fidelidade mas também gratidão, tudo isso faz parte, sem qualquer dúvida,dos padrões universais da mentalidade pequeno-burguesa,própria, evidentemente, da classe média urbana do país, procurando, àquela época, valorizar-se, à falta de riquezas reais, pelo intelectualismo, pela formação moral, pelo cumprimento dos deveres cristãos. Podendo, vale lembrar, todos esses valores identificarem-se com os defendidos e pregados pelo

Livro do Bom Homem Ricardo, publicação que circulou no Brasil, entre os fins do século passado e começos do atual, escrito por Benjamim Franklin, traduzido do inglês para o francês e para o português, e que se tornara, na época em que nasceu "O Tico-Tico" e nos anos que imediatamente se seguiram, uma espécie de guia de conduta para os que participavam da classe média aplicando-se ao comércio e às profissões liberais, orientados pelo ideal do **self-made-man**.

Aliás, já havia muito era considerado Benjamim Franklin um representante típico desse espírito pequeno-burguês, em função do que escrevera, principalmente,em sua "Autobiografia". Tanto que, ao analisar sua afirmativa de que ganhar dinheiro dentro da ordem econômica moderna, se feito legalmente, seria o resultado e a expressão da virtude e da eficiência de uma vocação, não hesitara Max Weber em reconhecer neste seu pensamento, o **utilitarismo com conteúdo ético** característico, ao seu ver, da pequena burguesia. Principalmente pela defesa do princípio de ser o aumento do capital não só um fim em si mesmo mas sobretudo um dever do indivíduo[19]; pouco importando,na realidade brasileira da época, o fato de ser Benjamim Franklin um protestante, um **crente**, cousa, aliás, por certo desconhecida pela maior parte daqueles que leram e procuraram seguir os ensinamentos contidos no *Livro do Bom Homem Ricardo*; e por haver adotado "O Tico-Tico" uma posição ideológica coincidente com tais idéias e preceitos, nada mais lógico que a aceitação que lhe deram as classes médias do país, em luta, àquele tempo, por um espaço a ser conquistado a uma aristocracia de origem rural, decadente mas orgulhosa de si mesma, cada vez menos capaz, contudo, de sustentar os privilégios de que usufruíra no passado.

DEZENOVE ANOS DEPOIS (1933/1934)

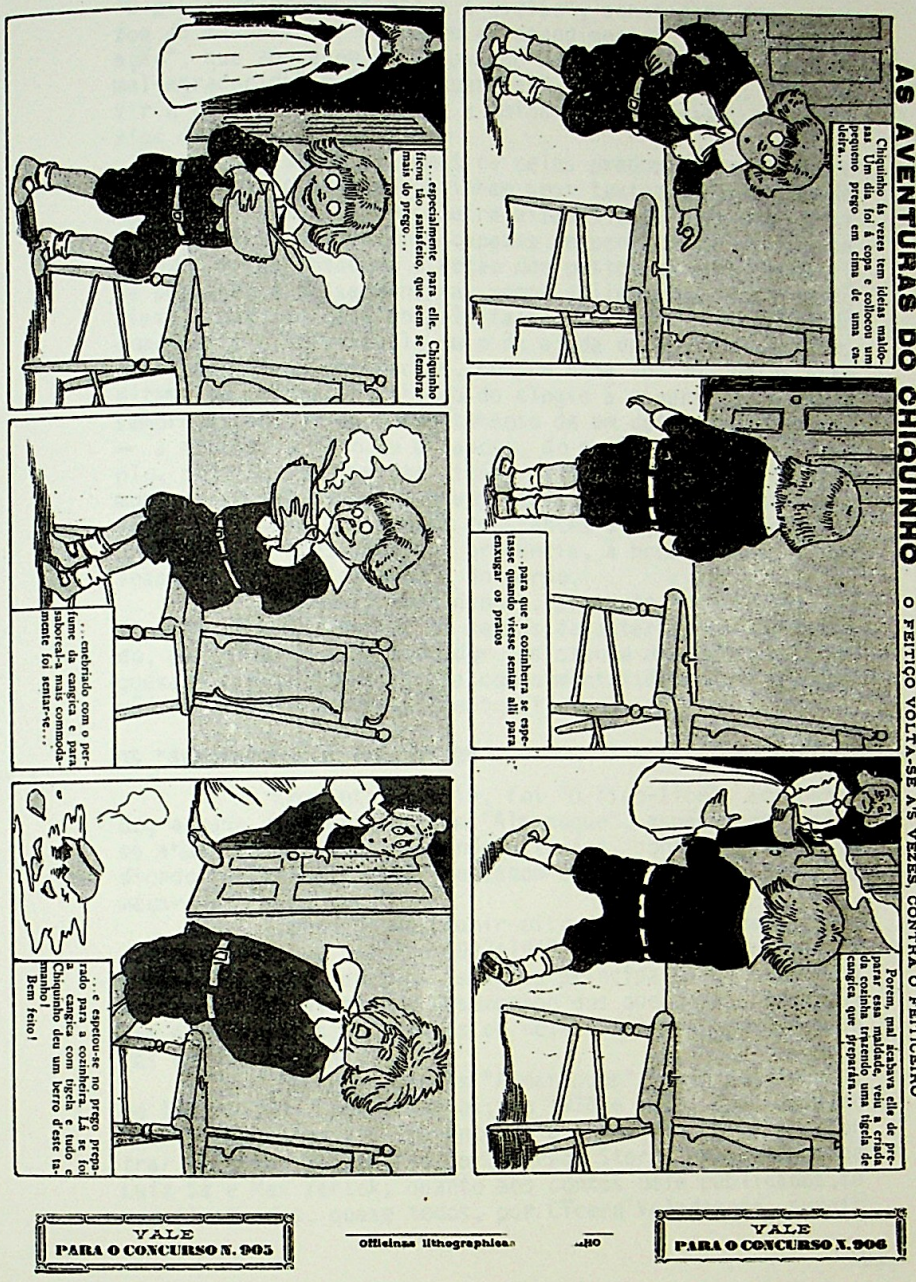
Um novo contacto com "O Tico-Tico", através de documentação merecedora de crédito, foi por mim estabelecido, não com base em novos exemplares da revista mas nos livros integrantes da "Biblioteca Infantil do Tico-Tico", doze ao todo, publicados nos anos de 1933 e 1934. Ei-los, na ordem em que foram editados — *Contos da Mãe Preta*, escrito por Oswaldo Orico e ilustrado por Luiz Sá; *No Mundo dos Bichos*, de autoria de Carlos Manhães, com ilustrações de Luiz Sá; *Reco-Reco, Bolão e Azeitona*, escrito e ilustrado por Luiz Sá; *Chiquinho do Tico-Tico*, de autoria de Carlos Manhães, com ilustrações de Alfredo Storni; *Quando o céu se enche de balões*, escrito por Leonor Posada e ilustrado por Cícero Valadares; *Histórias Maravilhosas*, escrito por Humberto de Campos e ilustrado por **Theo**, nome artístico de Djalma Pires Ferreira, desenhista baiano que se radicara no Rio de Janeiro; *Histórias de Pai João*, de autoria de Oswaldo Orico, com ilustrações de Luiz Sá; *Papai*, escrito por Joracy Camargo e ilustrado por Monteiro Filho; *Pandare-*

co, *Parachoque e Viralata*, com texto e ilustrações de Max Yantok; *Minha Babá*, com texto e ilustrações de J. Carlos; e finalmente *Vovô do Tico-Tico*, de autoria de Carlos Manhães, com ilustrações de Cícero Valadares.

Dos autores e desenhistas acima mencionados, já conhecemos J.Carlos, Cícero Valadares, Alfredo Storni e Max Yantok, vindos dos primeiros tempos da revista. Novos autores e artistas do lápis aparecem, contudo, participando do mundo de "O Tico-Tico". Alguns apenas cedendo textos sem que ao mesmo tenham se integrado, como é o caso de Oswaldo Orico, àquele tempo já autor consagrado, com vários livros publicados, ou de Leonor Posada, professora de renome no Rio de Janeiro, com livros de leitura de sua autoria adotados por vários colégios da então Capital da República; ou, ainda, o de Joracy Camargo, ator e teatrólogo, com a fama e o alto conceito que lhe havia dado, desde a primeira encenação, em 1932, sua peça "Deus lhe pague"; ou, finalmente, Humberto de Campos, um dos mais lidos e reverenciados autores brasileiros, àquela época. Outros, contudo, aparecem integrados à revista, como Luiz Sá, o criador de *Reco-Reco, Bolão e Azeitona*, chegado ao Rio, vindo do Ceará, em 1931, que iria consagrar-se como uma das maiores expressões da caricatura no Brasil, através de seu traço inconfundível e cheio de expressão; aguardando esses seus personagens, que lhes seja dada a atenção devida dentro dos quadros da literatura infantil brasileira, pois ao lado de *Chiquinho* e *Benjamim* e *Zé Macaco* e *Faustina*, foram *Reco-Reco, Bolão e Azeitona*, símbolos de comportamento e consciência de classe na sociedade brasileira de então.

Iria aparecer, com freqüência, a esse tempo, nas páginas da revista, Carlos Manhães, como autor de textos quase sempre em prosa, de qualidade medíocre, cheios, no entanto, de um moralismo ao gosto dos padrões da pequena burguesia. Estaria ele presente na "Biblioteca Infantil do Tico-Tico", com as *Lições do Vovô* e com as estórias que contam as aventuras de **Chiquinho**, desenhado, desta vez, juntamente com seu companheiro **Benjamim**, por Alfredo Storni, depois de o haverem sido por Luís Gomes Loureiro e Augusto Rocha.

Quanto a **Theo**, ilustrador das *Histórias Maravilhosas*, de Humberto de Campos, chegado ao Rio na década dos 20, para ingressar na Faculdade de Direito, começara a trabalhar na organização "O Malho", como desenhista, indo, pouco depois, tornar-se, por muitos anos, um dos mais assíduos nas páginas de "O Tico-Tico", com os bonecos da estória *Tinoco, o caçador de feras*. Foi, contudo, desenhando as capas de "Careta", uma das importantes publicações periódicas do Brasil, nos anos 20 e 30, e como caricaturista político nos jornais cariocas, que se firmou como um dos mais importantes desenhistas brasileiros, talvez, o único da velha geração de "O Tico-Tico" que ainda vive[20].



Selecionando alguns títulos das estórias contadas nos livros da "Biblioteca Infantil do Tico-Tico", tentaremos demonstrar a importância da mensagem ideológica por eles transmitida aos seus leitores — "A devota das almas", "O pintinho desobediente e o gavião", constantes dos *Contos da Mãe-Preta*; "Um nobre arrependimento" e "Uma boa ação", que aparecem em *Chiquinho do Tico-Tico*; "A raposa mal-agradecida" e "Más companhias", em *Minha Babá*; "Ver, ouvir e calar" e "Andorinha, a amiga das crianças", em *Histórias do Pai João*.

Também da temática neles predominante podemos concluir o quanto continham seus textos da intenção de conduzir a infância brasileira alfabetizada para uma posição de defesa dos valores capazes de permitirem à classe média, a ascensão na direção dos postos de comando da vida pública; e dessa maneira, vemos salientados nessas estórias, o tema do castigo pela falta cometida, apresentado como certo e inevitável; ou o da ajuda de Deus, dos santos e até das almas dos mortos, sempre dada aos que neles acreditam; ou, singularmente, o do elogio à esperteza, quase sempre associada ao comportamento de um determinado animal — a raposa, o gato ou o jaboti, do qual, através do exemplo, poderão ser tiradas lições pelos homens que deverão mostrar-se tão espertos quanto esses animais, na luta pela vida; tudo isso ao lado de constantes elogios à sobriedade à prática de boas ações, à prudência, à honestidade, à beleza da alma contraposta à do corpo.

Dezenove anos depois, portanto, continuava "O Tico-Tico" a apresentar as mesmas características do passado, mantendo-se como pregador insistente de uma moral burguesa e cristã identificada com a mentalidade das classes médias urbanas da sociedade brasileira.

OS "ALMANAQUES DO TICO-TICO"

Enquanto existiu, foi "O Tico-Tico" acompanhado, a cada dezembro, por um "Almanaque", espécie de síntese anual da revista, reunindo estórias, contos e poemas dedicados à infância e apresentando o calendário do ano a começar.

Conseguindo reunir oito desses "Almanaques" — os referentes ao período 1933/1940, tive a oportunidade de prosseguir analisando os aspectos principais da revista, bem como a de atestar o desempenho dos que nela continuaram a desenhar seus bonecos ou nela estreiaram como redatores ou desenhistas.

As capas desses "Almanaques" foram desenhadas, de 1932 a 1937, por J.Carlos; em 1938 e 1939, por Oswaldo Storni. No exemplar referente ao ano de 1933, iremos encontrar estórias desenhadas por Alfredo Storni, Augusto Rocha, Luiz Sá e Max Yantok; quanto aos contos nele publicados, foram ilustrados, quase todos, por Cícero Valadares; surgin

do entre as exceções, o conto "Lua nova", escrito e ilustrado por J.Carlos.

Aparecem, ainda, neste volume, desenhos assinados por **Fritz**, nome artístico de Anísio Oscar Mota, integrante da equipe de "O Malho", e textos de Carlos Manhães, Leonor Posada, Lilinha Fernandes, Ana Castro Osório, Oswaldo Orico, Viriato Correia, ao lado de uma página extraída de um dos livros de Coelho Neto, autor, àquele tempo, de grande aceitação.

Quanto aos poemas nele publicados, foram assinados por Olavo Bilac, Leôncio Correia, Vicente de Carvalho, Olegário Mariano e Eustórgio Wanderley. Surgindo, ainda, nessa publicação, duas páginas de "quadrinhos", reproduzindo, "com exclusividade para o Brasil", as aventuras do "Gato Felix" e as do "Ratinho Curioso", desenhadas, respectivamente, por Pat Sullivan e Walt Disney, não sendo outro o "Ratinho Curioso", que o conhecido Mickey Mouse.

No Almanaque de 1934, encontramos as estórias ilustradas de *Chiquinho* (desenhadas por Augusto Rocha), *Reco-Reco*, *Bolão* e *Azeitona*, criados, como já dissemos, por Luiz Sá, *Pandareco*, *Parachoque* e *Viralata*, personagens nascidos da pena de Yantok, *Zé Macaco* e *Faustina*, os famosos bonecos de Alfredo Storni, ao lado de um novo personagem — *Tinoco, o caçador de feras*, criação do desenhista Djalma Pires Ferreira, assinando seus trabalhos com o pseudônimo **Theo**.

Surgem, ainda, nessa edição, dois novos artistas do lápis, sobre os quais não obtive, até agora, maiores informações — **Arnaldo** e **Jocal**, atuando ao lado do já bem conhecido, àquele tempo, Francisco Acquarone (**Acqua**); e dentre os contos nele publicados, três foram assinados e ilustrados por J.Carlos, deles destacando-se pela poesia e delicadeza de linguagem — "A História das samambaias". Quanto aos restantes, são de autoria de Leonor Posada, Sebastião Fernandes, Lilinha Fernandes e Carlos Manhães. De referência aos poemas dele constantes, foram assinados por Olavo Bilac, Eustórgio Wanderley, Dom Aquino Correia, Leôncio Correia e Mário Marques de Carvalho; e mais uma vez apa recem as estórias em quadrinhos do "Ratinho Curioso" e do "Gato Felix".

Naquele ano iriam ampliar-se, contudo, as opções de leitura para as crianças brasileiras. Publicados pela Companhia Editora Nacional, os livros infantis de Monteiro Lobato ganhariam mercado e seriam amplamente vendidos em todo o país; já havendo sido editados, em 1934, *Reinações de Narizinho*, *Novas Reinações de Narizinho*, *O pó de pirlimpimpim*, *Viagem ao céu*, *O Saci*, *As caçadas de Pedrinho* e por ele traduzidos, *Pinocchio*, de C.Collodi, *Alice no país das maravilhas* e *Alice no país do espelho*, de Lewis Carroll, *Robinson Crusoé*, de Daniel Defoe, como ainda, vários contos de Andersen e dos Irmãos Grimm. Fugindo do campo estrito da ficção ou da simples tradução, já havia, ainda, Monteiro Lobato publicado, naquele ano, sua primorosa *História do Mundo para as crianças*, baseada no texto da *História para as crianças*, de V.M.Hillyer, inteligentemente adaptado para o público infantil do país; como, também, a estória para crianças do cativeiro de Hans Staden entre os índios do Brasil. Um estudo aprofundado e sério sobre a obra desse grande escritor brasileiro e, de modo especial, sobre a literatura infantil que produziu, constitui, pois, uma necessidade, por todos sentida, infelizmente, contudo, ainda não realizada.

Retomando, no entanto, a análise da série dos "Almanaques do Tico-Tico", vejamos o referente ao ano de 1935. Nele, os desenhistas são, praticamente, os mesmos anteriores. Um novo artista faz, porém, sua primeira e talvez única aparição na revista — alguém que se assina Francisco Hiskich. Quanto a Cícero Valadares, continuaria a ser o principal ilustrador dos textos publicados no "Almanaque", assinados, entre outros, por Oswaldo Orico, Leonor Posada, Cristovam Camargo, Sebastião Fernandes e Júlia Lopes de Almeida, esta, falecida no ano anterior.

Os poemas, nesta edição, são de autoria de Eustórgio Wanderley, Lilinha Fernandes, Leôncio Correia, Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça e Carlos Manhães. Nela aparece, ainda, um conto de Malba Tahan; e ao lado das estórias do "Gato Felix" e do "Ratinho Curioso", irá surgir mais um **comic** americano — uma estória dos "Três Porquinhos", desenhada por Walt Disney.

Crescem, a partir de então, as dificuldades para a identificação dos desenhistas de "O Tico-Tico". Há uma profusão de caricaturistas, a essa época, espalhados pela imprensa do país. Grande parte, contudo, com passagens rápidas pelas publicações do seu tempo. Não se fixavam, então, profissionalmente, como acontecera no passado, com os mestres da caricatura no Brasil. É que se tornara, talvez, mais difícil a sobrevivência de profissionais do desenho no mundo das publicações periódicas brasileiras. Tentaremos, no entanto, na medida do possível, acompanhar os passos dos que ilustraram ou criaram estórias em "O Tico-Tico", dessa data até o ano de 1939, ano limite da minha pesquisa.

Desse modo, no "Almanaque" de 1936, ao lado dos antigos desenhistas, aparecem **Justinus** (Justino Pereira da Silva), **Nino** (Sebastião de Camargo Borges) e **Aloysio** J.Carlos prosseguiria a escrever e ilustrar belos contos infantis, dentre os quais destacamos "O consertador de bonecas". Quanto aos poemas, continuarão assinados pelos mesmos poetas de antes. Um novo conto de Malba Tahan foi também nele publicado. Mas a grande novidade desse "Almanaque" foi a reprodução, acompanhada de belas ilustrações a cores, de um trecho do livro-disco *Anhanguera*, lançado, em 1935, pelo

maestro e musicista Heckel Tavares, juntamente com Marta Dutra Tavares, sem que conste dessas ilustrações, o nome do seu autor. Aparece, ainda, nesse Almanaque, uma página reproduzida de um dos livros de J.Simão Lopes Neto;e, mais uma vez, dele irão constar "tiras" referentes às proezas do "Gato Felix" e às aventuras do "Ratinho Curioso", já então denominado "Camondongo Mickey".

No "Almanaque" de 1937, da velha guarda de desenhistas de "O Tico-Tico" poucos continuariam presentes — somente Alfredo Storni, Augusto Rocha, Luiz Sá e Theo. Novos artistas do lápis, contudo, haviam se incorporado à primitiva equipe, preenchendo-lhe os claros ou lutando por espaços a serem ocupados; e é desse modo que aparecem, nessa edição, nomes de veteranos artistas como **Heitor**, **Leopoldo** e **Segisnando**, ao lado de representantes de uma nova geração como Luiz Gonzaga, Oswaldo Storni, Yolanda e Therson Santos. Os poetas, contudo, são os mesmos; e, ainda uma vez, J.Carlos aparece escrevendo e ilustrando um conto infantil de excepcional beleza — "Como nasceram as borboletas".Foi aquele o ano de estréia em "O Tico-Tico" do desenhista que irá, nos anos seguintes, figurar como o mais importante da revista — Oswaldo Storni.

No Almanaque de 1938, será ele quem irá desenhar as estórias de *Chiquinho*, provavelmente pela impossibilidade de Augusto Rocha continuar a desincumbir-se desta tarefa, já adoentado, preso ao leito, vindo a falecer no ano seguinte. Será de sua autoria quase a totalidade dos desenhos ilustrando os textos publicados em "O Tico-Tico", a esse tempo. Ao seu lado, contudo, prosseguiriam em atividade os veteranos Luiz Sá, Theo, Yantok e Justinus.

Não mudaram, contudo, os autores dos textos em prosa nem os poetas da revista. Publicou-se, no entanto, naquela edição, um belo poema de Murilo de Araújo. Sente-se, porém, através das páginas desse "Almanaque", uma tendência a mudanças. Como que procurava, então, "O Tico-Tico", um novo rumo, tornando-se esta tendência mais forte nos "Almanaques" referentes aos anos de 1939 e 1940.

Talvez fosse isso a conseqüência da invasão, a esse tempo já iniciada, do mercado brasileiro, pelas estórias em quadrinhos americanas, publicadas em periódicos especiais como o *Suplemento Juvenil*, *O Globo Juvenil*, *Mirim* e logo a seguir, *Gibi*, todas elas lançando um novo tipo de herói — invencível, surpreendentemente forte, dotado de super-poderes, quase sempre atuando sozinho, numa valorização exagerada do **indivíduo**, distante, contudo, da realidade objetiva das cousas e, no caso específico, do Brasil, sem nada ter a ver com a ambiência ou os problemas da nossa sociedade. Foram eles chegando, em levas sucessivas, a partir do "Homem de Aço", que se transformaria em "Super-Homem" e, a seguir, de modo coerente,em "Super Man", acompanhado, a curto prazo, pelo "Fantasma Voador",por "Namor — o Príncipe Submarino", pela "Tocha Humana" e por muitos outros dotados de superpoderes, caracterizados como defensores dos princípios pelos quais se norteiam os cidadãos comuns norte-americanos e sobre os quais se baseia o **way-of-life** da sociedade dos Estados Unidos; ou talvez fosse, o que estava a acontecer, um simples reflexo da institucionalização no país, de um regime fascista de governo — o Estado Novo; ou, ainda, uma conseqüência do clima ideológico do mundo, às vésperas da Segunda Grande Guerra. Todos esses fatores devem ter favorecido o surgimento desta tendência a mudanças que conseguimos detectar nas páginas dos "Almanaques do Tico-Tico", a partir do ano de 1938, revelada tanto na temática como no tipo de desenhos que ilustram as estórias publicadas, essas já desprovidas da leveza e ingenuidade de antes, como que se destinassem a pessoas de mais idade que as crianças de antigamente; e quanto às ilustrações, perdem, a partir de então, os personagens, o ar caricatural que possuíam, adquirindo traços realistas que possibilitam virem a ser confundidos com pessoas do mundo real. Deixam, pois, de ser mágicos. Já não são sugestões; procuram, agora, participar da realidade das cousas;deixam de ser caricaturas para ser retratos; de ser bonecos para ser gente, gente de verdade.

Não sei se poderá responsabilizar-se somente o lápis de Oswaldo Storni por tal alteração de características. Não possuía ele, em verdade, a força criadora ou a capacidade de comunicação dos desenhistas que o antecederam nas páginas da revista; mas talvez o realismo dos seus traços fosse mais uma exigência dos tempos que deliberação do artista; convindo notar que, ao mesmo tempo em que tais mudanças começavam a ocorrer, ampliava-se nos "Almanaques" o espaço ocupado pelas "tiras" americanas, já surgindo, a esse tempo, junto às estórias do "Gato Felix" e do "Camondongo Mickey", as desenhadas por C.D.Russel e Russ Westover.

No "Almanaque" de 1939, figurarão, com seus desenhos, ao lado de Oswaldo Storni, *Regina* e *Darcy*. Da velha guarda continuarão a desenhar suas estórias, Luiz Sá. Yantok, Jocal e Nino; e um nome, talvez de estrangeiro, começa a crescer nas páginas de "O Tico-Tico", nelas aparecendo como desenhista, autor, tradutor e adaptador de textos — o de Bob Steward. Sua presença será ainda mais sensível no "Almanaque" de 1940, no qual divide quase todo o espaço gráfico da edição com Oswaldo Storni. Não sabemos quem tenha sido ele, em realidade; nem ao menos se, por trás desse nome, se escondia um brasileiro que não desejava identificar-se. Quanto aos temas tratados nas estórias publicadas nos "Almanaques" de 1939 e 1940, estão distanciados da realidade brasileira — referem-se a fatos ocorridos durante a guerra dos **boers**, na África do Sul, no decurso da Primeira Grande Guerra; as personagens e lendas da mitologia grega; ou, finalmente, se relacionam a países

estranhos e muito distantes do Brasil. Tudo como se se houvesse perdido nesses "Almanaques", a preocupação de tratar de cousas **nossas**, ligadas às tradições e costumes brasileiros, ao nosso chão. Não sendo pois de estranhar que a capa do "Almanaque" de 1939, desenhada por Oswaldo Storni, representasse uma cena de típico "rodeio" do **Far West**, tendo como participantes **Chiquinho** e **Benjamim**, na qual, a única marca **nacional** é o fato de estar **Chiquinho** montado num bode em lugar de um cavalo.

No "Almanaque" referente ao ano de 1940, todas essas mudanças mostram-se visíveis, mesmo a olhos pouco atentos. Dos velhos desenhistas, somente Yantok, por sinal, o menos **nacional** de todos eles, continuaria a desenhar seus bonecos. Ao seu lado, dois artistas mais novos que ele na revista — Theo e Nino. Sente-se, contudo, que não irão resistir esses três veteranos do lápis, por muito tempo, à pressão de Oswaldo Storni e Bob Steward, com seus novos modelos de desenhos. Dentre os textos publicados neste "Almanaque", duas gratas surpresas — a presença de um conto traduzido de Oscar Wilde — "O Príncipe Feliz" e a de um irônico e insolente artigo do baiano Jerônimo Sodré Viana, tratando da invasão do país pelos personagens criados por Walt Disney, considerando-os intrusos e indesejáveis, intitulado "Sururu com o Pato Donald"[21].

Darcy Ribeiro, recentemente, referindo-se a "O Tico-Tico" declarou haver sido a revista **assassinada**, em 1959, por Walt Disney[22]. Acho que há um certo exagero nesta afirmativa. Pelo que pude deduzir, ao menos até agora, dentro de um horizonte limitado de pesquisa, parece-me que já havia "O Tico-Tico", antes disto, traçado a sua trajetória de declínio, ao desprezar os padrões da pequena burguesia nacional que lhe haviam, antes, garantido o êxito e a aceitação da revista pela classe média do país. Os personagens de Disney podem, contudo, ter lhe acelerado a morte, mesmo porque, foi no ano de 1950 que a revista "Pato Donald" começou a circular no Brasil. Não teriam sido, no entanto, ao meu ver, as estórias desenhadas por Disney, os únicos responsáveis. Voltaremos, contudo, a esta questão, quando estivermos munidos de argumentos mais sólidos e convincentes.

NOTAS

1 LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, vol.3, p.1188. Ruben Gill, ou melhor, Nicolau Tolentino Ruben de Lemos Garcia Gill, foi, sem dúvida, quem mais falou, até hoje, sobre "O Tico-Tico". A 24 de outubro de 1942, no periódico *Don Casmurro*, iniciou a publicação de uma longa série de artigos sob o título geral — "O Século Boêmio", encerrando-a a 24 de fevereiro de 1945. Neles focalizou fatos e pessoas ligadas à história da caricatura e do periodismo ilustrado, no Rio de Janeiro das primeiras décadas deste século. Escreveu, desse modo, sobre J.Carlos (em 29.11.1942), Leônidas Freire (**Leo**) (em 19.12.1942), Max Yantok (em 23.01.1943), Alfredo Storni (em 05.02.1943), Anísio Oscar Mota (**Fritz**) (em 13.02.1943), Ângelo Agostini (em 29.05.1943), Augusto Rocha (em 26.06.1943), Luís Gomes Loureiro (em 24.07.1943), e Cícero Valadares (em 31.12.1944), todos integrantes da grande família de desenhistas de "O Tico-Tico", constituindo esses seus depoimentos o que de mais importante já foi dito sobre esta revista até os nossos dias.

2 *A Sociedade Anônima "O Malho"* foi constituída em torno do semanário "O Malho" no ano de 1902, e chegou a ser a maior organização jornalística do país, na primeira metade deste século. Na década dos 30 editava seis periódicos — os semanários "O Malho" e "O Tico-Tico", o quinzenário "Cinearte" e as revistas mensais "Moda e Bordado", "Arte de Bordar" e "Ilustração Brasileira". Em 1930, pela sua atitude crítica e independente, foi "O Malho" empastelado pelos que ocuparam o poder, após a Revolução. Ressurgiu, contudo, logo após, continuando a circular até janeiro de 1954.

3 **Manuel José Bonfim**, nascido em Aracaju, em 1868, e falecido no Rio de Janeiro, em 1932, foi uma das mais importantes personalidades brasileiras, nas décadas iniciais deste século. Por motivos vários, entre os quais os de natureza política, seu nome foi praticamente esquecido pelos seus patrícios, urgindo a tarefa de reabilitá-lo e colocá-lo no lugar de honra que lhe cabe entre os grandes pensadores desse país. No mesmo ano em que circularia, pela primeira vez, "O Tico-Tico", publicaria Manuel José Bonfim, recém-chegado da Europa, um livro altamente polêmico — *A América Latina — Males de origem*, através do qual tentaria demonstrar que a maior parte dos problemas dos países latinoamericanos se originara dos erros cometidos pelos seus colonizadores, aos quais acusava de um "parasitismo social" que degradara os seus habitantes. Crítico inclemente da sociedade em que vivia, plenamente convencido da validade e acerto das suas

idéias, não hesitou em atacar nomes consagrados em sua época, entre eles, o de Sílvio Romero, o que lhe valeu grandes embaraços, tal a animosidade com que o conterrâneo, sergipano como ele, procurou atingi-lo e a sua obra, através de ataques constantes e terríveis. De um nacionalismo extremado, possúia Manuel José Bonfim, idéias avançadas em relação a sistemas de governo ou às raças humanas. Desse modo, numa época em que tanto Sílvio Romero como Nina Rodrigues, repetindo os mais conceituados sábios da Europa, afirmavam a desigualdade das raças e se referiam a raças inferiores e superiores, não hesitava Manuel José Bonfim em declarar que a teoria da desigualdade entre as raças não passava de "um sofisma abjeto do egoísmo humano, hipocritamente mascarado de ciência barata e covardemente aplicado à exploração dos fracos pelos fortes" (cf. *América Latina — Males de origem*, H.Garnier, Livreiro Editor, Rio de Janeiro, p.278); e procurando explicar o atraso em que viviam, em relação aos brancos europeus, os indígenas e os negros africanos, diria que tal ocorria como resultante dos processos culturais diversos por ele vividos e não como conseqüência de fatores biológicos. A obra de Manuel José Bonfim deve ser, pois,urgentemente, revista e reavaliada; a fim de que dela tenhamos uma idéia justa e se possa dar fim ao criminoso silêncio que se construiu em torno do seu nome e dos seus livros.

4 **Richard Felton Outcault** foi um dos pioneiros na introdução das estórias em quadrinhos na imprensa dos Estados Unidos. Antes de haver criado **Buster Brown**, fora o criador do célebre **Yellow Kid**, no ano de 1896, talvez o primeiro dos personagens "cômicos".

5 LIMA, Herman. op. cit., vol.3, p.1223.

6 Id. ibid., p.1249-66.

7 "O Tico-Tico", edição de 5 de agosto de 1914.

8 Idem, edição de 29 de julho de 1914.

9 Idem, edição de 12 de agosto de 1914.

10 Idem, edição de 8 de julho de 1914.

11 Idem, edição de 30 de setembro de 1914.

12 Idem, edição de 8 de julho de 1914.

13 Idem, edição de 15 de julho de 1914.

14 Idem, edição de 12 de agosto de 1914.

15 Idem, edição de 16 de setembro de 1914.

16 Idem, edição de 23 de setembro de 1914.

17 Idem, edição de 30 de setembro de 1914.

18 Idem, edição de 30 de dezembro de 1914.

19 WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1967,p. 32-3.

20 No dia 5 de setembro de 1987, graças à gentileza de Ney Pires Ferreira, sobrinho de Djalma Pires Ferreira, consegui localizá-lo em Araruama, no Estado do Rio de Janeiro, onde reside. Durante cerca de duas horas conversamos, mostrando-se o desenhista, nos seus 86 anos, lúcido, contudo com a memória muito enfraquecida. Pouco se recordava do que fizera em "O Tico-Tico".Apenas que trabalhara muito desenhando bonecos para a revista.Mostrou-me, no entanto, com muito orgulho, uma enorme coleção de "Careta", na qual todas as capas haviam sido por ele desenhadas e afirmava que as desenhou até o último número; como ainda uma enorme quantidade de recortes de jornais onde apareciam caricaturas de sua autoria de personalidades políticas do país. Agradeço,aqui, a gentileza com que me recebeu e o esforço que fez para lembrar-se de cousas que eu desejava saber.

21 Jerônimo Sodré Viana foi um jornalista ativo na imprensa baiana, assinando, muitas vezes, os seus artigos, com o pseudônimo JOSEVI. Em 1937, com o advento do Estado Novo, sob suspeita de envolvimento com o Partido Comunista, foi terrivelmente perseguido pela polícia política do novo governo brasileiro. No ano de 1940, o do "Almanaque", já se radicara no Rio de Janeiro, onde trabalhou, sucessivamente, em "O Globo", "A Manhã" e o "Diário da Noite", sempre em franca oposição ao nazi-fascismo europeu. Publicou, em 1939, na Bahia, em edição da Livraria Editora Baiana, *Cadernos de Xangô*,além de um livro de versos — *Gaviões e Juritis*. Morreu no Rio de Janeiro, em 15 de dezembro de 1945, aos 41 anos de idade. *Cadernos de Xangô*, escrito enquanto esteve refugiado numa casa de candomblé, nos subúrbios de Salvador, fugindo à polícia do Estado Novo, é hoje considerado um dos mais importantes documentos sobre a cultúnária de origem africana na Bahia, dadas as circunstâncias vividas pelo autor, ao redigi-lo.

22 RIBEIRO, Darcy. *Aos trancos e barrancos — como o Brasil deu no que deu*. Guanabara Dois, Rio de Janeiro, 1985, nota nº 103. Erroneamente, nesta nota, atribuiu o autor a fundação de "O Tico-Tico" a Ângelo Agostini, que foi apenas o desenhista do título da revista, nos seus primeiros anos.

Impresso na
Gráfica Universitária
Salvador - Bahia

124. VEIGA, Claudio. *Um retrato da Bahia em 1904; O Papão.* Salvador, C.E.B., UFBA, 1986, 40p.

125. SCHWEBEL, Horst Karl. *Bandas, Filarmônicas e mestres na Bahia.* Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 58p.

126. MATTOS, Waldemar. *Pirajá, relíquia do heroísmo baiano.* Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 42p.

127. Protesto Contra a Demolição da Sé (1928);Edição facsimilada, Apresentação de Fernando da Rocha Peres.Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 18p.

128. PERES, Fernando da Rocha. *Gregório de Mattos e a Inquisição.* Salvador, C.E.B. UFBA, 1987, 52p.

129. BOAVENTURA, Edivaldo M. *A perenidade de Castro Alves.* Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 16p.

130. Relatório/apresentado pelo/ Rev. Frei João Evangelista de Monte Marciano/ao/Arcebispado da Bahia/sobre/ Antonio Conselheiro/e/ seu sequito no Arraial de Canudos - 1895. Edição Facsimilada. Apresentação José Calasans. Salvador, CEB; UFBA, 1987, 20p.

131. MATTA, João Eurico. *Ângulos* (A vigência de uma revista universitária). Índice Geral de Colaboradores de Ângulos/Ângela Maria Pinho Souza Braga, Maria da Conceição Penalva da Silva, (Bibliotecárias do CEB). Salvador, CEB; UFBA, 1988, 76p.

132. PERES, Fernando da Rocha. *A Família Mattos na Bahia do Século XVII.* Salvador, C.E.B. UFBA, 1988, 62p.

133. VIANNA, Hildegardes. *As Aparadeiras e as Sendeironas. Seu Folclore.* Salvador, C.E.B. UFBA, 1988, 37p.

134. AZEVEDO, Thales de. *A Praia: espaço de sociabilidade.* Salvador, C.E.B. UFBA, 1988, 40p.

135. FLEXOR, Maria Helena. *Os Núcleos Urbanos Planejados do Século XVIII:* Porto Seguro e São Paulo. Salvador, C.E.B. UFBA, 1989, 40p.

136. OLIVEIRA, Waldir Freitas. *O Tico-Tico: Uma Revista Infantil Brasileira.* Salvador, C.E.B. UFBA, 1989, 32p.

VITAE
Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social